

## ENDEREÇAMENTOS DA RÁDIO REBELDE ZAPATISTA: ARTICULAÇÕES E AUTONOMIA

*MODES OF ADDRESS OF THE REBELLIOUS ZAPATISTA RADIO:  
ARTICULATIONS AND AUTONOMY*

*MODOS DE DIRECCIONAMIENTO DE LA RADIO REBELDE ZAPATISTA:  
ARTICULACIONES Y AUTONOMÍA*

Ismar Capistrano Costa Filho  
Doutorando em Comunicação Social pela UFMG  
ismarcapistranofilho@gmail.com

Ângela Cristina Salgueiro Marques  
Professora do Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação Social – UFMG  
angelasalgueiro@gmail.com

### Resumo

A construção autonomia, entendida como autodefinição identitária, autogoverno comunitário e autoconsumo produtivo, é uma das preocupações fundamentais do movimento zapatista que, ao mesmo tempo, ampliou suas formas de comunicação e diálogo de modo tal que não se resume ao EZLN e às comunidades autônomas, mas envolve a articulação com vários atores aderentes. O objetivo principal deste artigo é refletir sobre as contribuições da Rádio Rebelde, localizada na região de Los Altos no Estado de Chiapas, para esta construção da autonomia zapatista. Pretendemos apontar alguns dos endereçamentos utilizados nas emissões radiofônicas para construir imaginários que nos possibilitam compreender o sentido de autonomia e articulações comunicativas que podem estar presentes na programação da emissora.

**Palavras-chave:** Rádio Rebelde Zapatista. Endereçamento. Autonomia.

### Abstract

The construction of autonomy, understood as identity self-definition, communitarian self-government and productive self-consumption, is one of the basic concerns of the Zapatista movement that, at the same time, extended its forms of communication and dialogue in way such that does not summarize to the EZLN and the independent communities, but involves the articulation with some adherent actors. The main aim of this article is to reflect on the contributions of the Rebellious Radio, located at the region of Los Altos in the State of Chiapas, for the construction of zapatista autonomy. We intend to point some of the modes of address used in radio content emissions to construct an imaginary that enable us to understand

the meaning of autonomy and communicative articulations that can be present in the Rebellious Radio program.

**Keywords:** Rebellious Radio Zapatista. Modes of address. Autonomy.

## Resumen

La construcción de la autonomía, entendida como autodefinición de la identidad, autogobierno comunitario y autoconsumo, es una de las preocupaciones básicas del movimiento zapatista que, al mismo tiempo, a extendido sus formas de comunicación y diálogo de forma que no resume al EZLN y a las comunidades autónomas, pero implica la articulación entre algunos agentes adherentes. El objetivo principal de este artículo es reflexionar sobre las contribuciones de la Radio Rebelde, situada en la región del Los Altos en el estado de Chiapas, para esta construcción de la autonomía zapatista. Nos preponemos señalar algunos de los modos de direccionamiento usados en las emisiones de esta Radio para construir imaginarios que hacen posible entender lo sentido de la autonomía y de las articulaciones comunicativas que pueden estar presentes en la programación de la Radio Rebelde.

**Palabras clave:** Radio Rebelde Zapatista. Modos de direccionamiento. Autonomía.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta parte da pesquisa de doutorado realizado sobre o “Uso Social das Rádios Zapatistas na construção da autonomia política das comunidades indígenas”. Neste recorte, serão analisados os endereçamentos de uma das cinco emissoras que estão sendo pesquisadas, a Rádio Rebelde, localizada na região de Los Altos no Estado de Chiapas, México. Ela pertence às comunidades zapatistas reunidas no Caracol Rebeldia e Resistência pela Humanidade em Oventik, uma das unidades administrativas dos Municípios Autônomos em Rebeldia Zapatista (Marez).

A organização política dessas unidades surgiu desde o levante do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) em 1º de janeiro de 1994, que se insurgiu contra o Exército Federal Mexicano, propondo uma nova ordem social, baseada na justiça e autonomia para camponeses, indígenas e trabalhadores. Após o cessar-fogo, o EZLN dedicou-se a construir a autonomia das comunidades indígenas, compreendida como independência do Estado, autodefinição, autodelimitação e autoconsumo. O movimento destaca-se não só pela resistência e conquistas, mas por ser um dos primeiros a utilizar a nascente rede mundial de computadores para criar uma corrente internacional de solidariedade e apoio. O uso dos meios de comunicação para estabelecer um diálogo com a sociedade civil regional, nacional e

internacional passou a ser estratégia e tática fundamentais, seja pelas aparições nos meios de comunicação massivos, seja pela criação de seus meios de comunicação, como produtoras de vídeo, sites e rádios, que inicialmente pertenciam ao EZLN e depois, no processo de autonomia civil, foram transferidas para as Juntas de Bom Governo que administram os Caracóis.

A construção autonomia, entendida como autodefinição indenitária, autogoverno comunitário e autoconsumo produtivo, é uma das preocupações fundamentais do movimento zapatista que, ao mesmo tempo, ampliou seu diálogo de modo tal que não se resume ao EZLN e às comunidades autônomas, mas envolve vários atores aderentes. A problemática principal deste artigo é questionar quais as contribuições da Rádio Rebelde nesta construção da autonomia zapatista. Quais os endereçamentos que nos possibilitam compreender o sentido de autonomia e diálogo zapatista que podem estar presentes na programação da emissora?

Esta investigação foi realizada através de pesquisa bibliográfica e de campo. A primeira se deteve em leituras sobre o uso social das mídias, culturas indígenas mexicanas, história chiapaneca, zapatismo e autonomismo. A pesquisa de campo foi realizada em duas imersões a San Cristobal de Las Casas, principal cidade da região de Los Altos em Chiapas em janeiro de 2011, quando foi realizada uma pesquisa exploratória com entrevistas, escuta da emissora e tentativa de visita ao Caracol Oventik. A segunda imersão ocorreu em julho de 2013 para a realização de entrevistas em profundidade com intelectuais, apoiadores do movimento e participantes de coletivos aderentes. Também foram gravados oito dias da programação da Rádio Rebelde em horários alternados, os quais foram transcritos para análise de conteúdo qualitativa. Foi ainda realizada uma visita ao Caracol em Oventik e às comunidades de San Isidro de La Libertad em Zinacatan e Sociedad Civil de Las Abejas em Acteal.

Este artigo se divide em três partes. A primeira apresenta os pressupostos teóricos da proposta teórico-metodológica de usos sociais da mídia. Os modos de articulação zapatista serão abordados na segunda parte, seguidos de uma reflexão acerca das principais características do processo de construção da autonomia zapatista, na terceira parte. Por fim, serão apresentados os endereçamentos radiofônicos da Rádio Rebelde.

## 2. Uso social dos meios e endereçamentos

Analisar processos comunicativos a partir da proposta de uso social dos meios, de Jesús Martín-Barbero, exige, ao menos, dois deslocamentos teórico-metodológicos. O primeiro, envolve o que autor chama de “perder o objeto para encontrar o caminho”, o que requer pensar a comunicação não somente como um processo restrito à emissão e recepção. A circularidade de informações, ideias, valores, ideologias, tradições, representações, memórias, interesses, formatos, lógicas e temporalidades que antecedem e sucedem a produção e audiência midiática compõem indissociavelmente tal processo. Fraturá-lo pode significar não só uma análise descontextualizada e anacrônica, como também inconsequente. Assim, a proposta de passar dos meios para as mediações reivindica analisar a comunicação como uma prática cultural envolta num ambiente simbólico gestado por interesses e disputas. As “mediações comunicacionais das culturas” desenvolvem-se nos conflitos, contradições, apropriações, criações, redesenhos, reconfigurações e reproduções das representações da realidade. Há, por vezes, distâncias intransponíveis entre os interesses da produção e os resultados da mesma com suas brechas e fissuras; entre a mensagem veiculada e a apropriação feita pelos receptores e entre a recepção e o sentido cultural das mensagens. A comunicação é esse espaço de ambiguidades, determinações e indeterminações.

O segundo deslocamento consiste no movimento das mídias para as culturas, nomeado por Martín-Barbero (1998) de “mediações culturais da comunicação”. Tal movimento implica que a forma de relacionar-se com os meios de comunicação impactam na vida social não só pelas influências nas agendas, opiniões, valores e conhecimentos sobre a realidade, mas na gestação de comportamentos e ritualidades adquiridos pelo uso midiático. Ele não abrange apenas a centralidade da mídia na vida pública, mas, com o advento das tecnologias móveis e em rede, as transformações que promovem nas subjetividades e na forma de organizar e agir no cotidiano.

A proposta do uso social dos meios, feita por Martín-Barbero, inevitavelmente confere saliência à recepção como um componente imprescindível da comunicação. Não é possível pensar esse processo sem os públicos, os endereçamentos, os contratos de leitura, os universos culturais, os repertórios simbólicos e as práticas sociais dos receptores. Assim, esta pesquisa aborda a relação entre os endereçamentos da Rádio Rebelde para a articulação e autonomia zapatistas, compreendendo que o contexto social, político, econômico e comunicacional é

essencial para entender os fluxos de circulação das mensagens difundidas pela emissora. A produção midiática leva assim em conta, além dos interesses dos emissores, as expectativas, a memória e o cotidiano do receptor, operando “sobre rotinas de produção, habilidades técnicas historicamente definidas, ideologias profissionais, conhecimento institucional, definições e pressupostos, suposições sobre a audiência” (HALL, 2003, p. 389). Por isso os estudos de recepção e mediações necessitam atentar para as “construções simbólicas peculiares com modos distintos de endereçamento da mensagem” (ROCHA; MARQUES, 2006, p. 38). Tais modos de endereçamento envolvem a negociação entre os interesses do emissor e as expectativas do receptor, a partir do contexto sociocultural e político-econômico, na produção discursiva.

Segundo Gomes (2005, p. 3), os endereçamentos demonstram como há uma “(...) relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido do texto midiático”. Já Berkin (2000, p. 100), reconhece a produção dos meios como um momento que resulta “de uma leitura que incorpora um conhecimento do receptor e se condensa numa programação que busca abarcar a aceitação de um público mais amplo possível”.

Estes endereçamentos são as interpelações e convites dos meios aos receptores para gerar um pertencimento entre o produto e a audiência. É importante mencionar que o conceito de modos de endereçamento é originário da teoria cinematográfica e foi utilizado pioneiramente como operador de uma pesquisa sobre televisão realizada pelo britânico David Morley (1999), do *Center of Contemporary Cultural Studies* (CCCS), sobre o programa *Nationwide*. De acordo com ele, os estudos de recepção precisam analisar como as leituras individuais se articulam em estruturas e conglomerados culturais. Para verificar a variação da recepção segundo fatores sociodemográficos (sexo, idade, etnia e classe), marcos e identificações culturais e tema das mensagens, Morley realiza o estudo da assistência dos programas em grupos focais de telespectadores com estas diferentes características. A partir das respostas, ele percebe como alguns receptores aceitam a forma, mas não a ideologia que organiza as narrativas<sup>1</sup>.

Segundo Morley (1999), um modo de endereçamento “estabelece a forma da relação que o programa propõe para-com sua audiência” (MORLEY, 1999, p. 262), caracterizando as práticas comunicativas específicas de um programa televisivo e suas tentativas de estabelecer

---

<sup>1</sup> Um exemplo foi a recepção de um quadro do programa, quando gerentes de banco aceitaram as ideias favoráveis a estas instituições financeiras, mas rejeitaram seu formato demasiadamente “popular”. Já os sindicalistas aprovaram a forma, mas se contrapuseram à ideologia.



caminhos de produção de sentido. Os espectadores precisam se envolver com os modos de endereçamento disponíveis para produzirem sentido acerca de um texto midiático, ainda que suas interpretações muitas vezes não coincidam com os endereçamentos propostos, instaurando dissensos e deslizamentos. “O conceito de ‘modos de endereçamento’ designa as específicas formas e práticas comunicativas de um programa que constituem o que se referiria na crítica literária como ‘tom’ ou ‘estilo’” (MORLEY, 1999, p. 262). Esta relação entre formas e ideologia num discurso parte dos estudos de Raymond Williams (2009), que caracteriza a forma como organização dos conteúdos culturais que refletem a sociedade que as molda, enquanto a ideologia refere-se ao aspecto cultural da política, isto é, aos símbolos, valores, comportamentos sociais do posicionamento hegemônico e das relações de poder de um determinado grupo. Os endereçamentos estão assim, para Morley, nas formas que interpelam determinado público a partir de elementos de seu universo cultural, buscando indicar leituras que criem laços de identificação entre um produto massivo e o receptor.

Ellsworth afirma que os modos de endereçamentos são vários, pois os produtos dos meios não propõem somente uma forma de recepção-los. “As posições de ver filmes não são aleatórias, mas relacionais (...), essas posições sociais não constituem, nunca, uma posição única ou unificada” (ELLSWORTH, 2001, p. 19). Citando Masterman, a autora lembra que, “nos meios visuais, nós, como membros do público, somos compelidos a ocupar uma posição física particular, em virtude do posicionamento da câmera (...) somos também convocados a ocupar um espaço social” (ELLSWORTH, 2001, p. 18). Os espaços sociais propostos nos produtos dos meios possibilitam naturalizar a experiência de recepção a partir dos diversos contextos sociais da audiência. O segundo motivo de falar em modos de endereçamentos, no plural, deve-se à apropriação que o receptor faz dos endereçamentos dos meios, podendo compreender o texto midiático de forma diferente daquela originariamente proposta. Há, nesta situação, uma negociação dos significados dos textos entre meios (modos de produção) e audiências.

Os públicos não são simplesmente posicionados por um determinado modo de endereçamento. Entretanto, para dar qualquer sentido a um filme ou para desfrutá-lo até mesmo minimamente, eles têm que se envolver com seu modo de endereçamento. Ainda que de forma mínima ou oblíqua (...) inclusive em sua decisão de simplesmente recursar-se a ver o filme. (ELLSWORTH, 2001, p. 24)

A autora propõe chamarmos de espetadores dominantes aqueles que correspondem a um modelo de público idealizado pelos meios, e de espectadores marginais, aqueles que

resistem aos endereçamentos preferenciais. Esta proposta se aproxima do modelo “encoding-decoding”, de Stuart Hall (2003), marco das pesquisas de recepção nos Estudos Culturais.

Antes de passarmos à exploração dos modos de endereçamentos oferecidos pelos programas da Rádio Rebelde Zapatista, consideramos importante entender alguns dos principais fatos históricos, articulações e dimensões do imaginário rebelde que hoje marca os discursos e narrativas produzidos pelas comunidades indígenas.

## 2.1 Articulações zapatistas

O EZLN ganhou repercussão internacional, conforme Downing (2001), quando em 1994 tomou os municípios de San Cristobal de Las Casas, Ocosingo, Las Margaritas, Altamiro, Chanal, Oxchuc e Huixtán no Estado de Chiapas, sul mexicano, reivindicando terra, trabalho, educação, saúde, moradia, alimentação, liberdade, independência, democracia, justiça e paz. O movimento se tornou referência nas lutas pelas transformações sociais do final do século XX (época marcada pelo ceticismo revolucionário que emergiu depois da decadência das experiências de socialismo real soviéticas) não só pela ação militar que ocupou Prefeituras, Câmaras, delegacias e quartéis das cidades na madrugada do dia 1º de janeiro e declarou guerra contra o Exército Federal Mexicano, mas também pela constituição de uma rede de solidariedade nacional e internacional, criada a partir da nascente Internet, pelo fim da guerra e em apoio aos ideais zapatistas.

As mudanças constitucionais de 1992, que permitiam a venda das propriedades agrícolas comunais e a entrada do México no Tratado do Livre Comércio Norte-Americano (Nafta) em 1994, foram os estopins para o levante zapatista, assim como o fim das terras coletivas foi o motivo da revolução liderada por Emiliano Zapata e Pancho Villa em 1917, inspirando o movimento chiapaneco. O EZLN foi formado, de acordo com Arellano (2003), por sobreviventes do movimento estudantil, vítimas do massacre policial na Praça da Praça dos Três Poderes na Cidade do México em 1968, que, como saída revolucionária, tentaram implantar em todos estados do país a Frente de Libertação Nacional (FLN) que sobreviveu somente em Chiapas. As condições hostis da Selva Lacadón (altitude elevada, vegetação densa, frio negativo, alta umidade e falta de alimentos), a miserabilidade da região e o diálogo com as comunidades indígenas do entorno formaram uma barreira protetora ao movimento, que logo criou seu braço armado. Para sobreviver na região, foi necessário muito mais do

conhecimento militar, adquirido nos manuais de guerrilha dos marines estadunidenses, mas sobretudo a cooperação dos indígenas que, além do fornecimento de mantimentos em troca de proteção, ensinaram como cruzar a Selva de maneira quase invisível.

A invisibilidade zapatista, no entanto, ficou restrita às táticas militares. Logo na tomada das cidades chiapanecas, no primeiro dia primeiro dia de 1994, foi lançado o Comunicado da Selva Lacandón explicando os motivos do levante. A mensagem foi lida nas emissoras de rádio dos municípios ocupados que, em seguida, reproduziram-na por fax para revistas e jornais de circulação regional e nacional. Ativistas políticos, por sua vez, distribuíram essa mensagem pela nascente rede mundial de computadores, alcançando organismos internacionais de proteção dos direitos humanos, intelectuais, artistas e meios de comunicação, como a CNN que, conforme Downing, quebrou o boicote informacional da emissora de maior audiência no México, a Televisa. A circulação do Comunicado e de informações sobre o conflito não se restringiu a atores internacionais, que declaram seu apoio e pediram o cessar-fogo, o Governo Mexicano também foi “bombardeado” por milhares de e-mails e faxes que congestionaram seus serviços de comunicação eletrônica. Segundo Emilio Gennari (2002), da mesma maneira que as mensagens de apoio se multiplicavam na Internet, as manifestações nas ruas cresciam, chegando a reunir mais de 150 mil pessoas na marcha pela paz na Cidade do México e levando, por isso, 12 dias depois do levante, o Governo a decidir pelo cessar-fogo unilateral. O apoio da sociedade civil se tornou assim uma das principais armas do EZLN que assim pautou sua política num diálogo constante.

As articulações zapatistas - compreendidas aqui como a busca de relações, mesmo que temporárias e precárias, com diversos atores sociais - ampliaram-se com a construção do Acordo de San Andrés pela Comissão de Concórdia e Pacificação (Cocopa), liderada pelo bispo de San Cristobal de Las Casas, D. Samuel Roriz e pela Comissão Nacional de Intermediação (Conai) do Congresso Nacional. As discussões não se ativeram aos grupos de trabalho das comissões, mas o EZLN convocou outras lideranças e intelectuais para discutir, muito além de suas questões locais, uma legislação indígena que garantisse não só a autonomia das comunidades, mas o reconhecimento como participantes das decisões nacionais. A consulta nacional, feita em 1995, sobre a transformação do EZLN num partido político e sua estratégia eleitoral aprofundou o diálogo, resultando na criação de um braço civil e nacional do movimento a Frente Zapatista de Libertação Nacional (FZLN) e da rejeição à participação nos processo eleitorais. Assim para fazer parte do FZLN só havia duas restrições:



não ser filiado a partido político, nem pertencer ao Governo. O EZLN opta, diferentemente da maioria dos movimentos insurgentes, por não tomar o poder de cima (golpe), mas por construir o poder a partir do desenvolvimento da autonomia das bases, nas organizações populares e no cotidiano, proporcionando novas relações sociais mais justas (ARELLANO, 2002).

Na votação da lei indígena no Congresso Nacional, em 2001, que aprovou uma legislação que descumpriu os acordos de San Andrés, o EZLN realizou uma marcha que percorreu os mais 700 km entre San Cristobal de Las Casas e a Cidade do México, a fim de sensibilizar a sociedade e os congressistas para o tema. Na caminhada, vários comunicados foram publicados e diversas reuniões, discursos e assembléias realizadas (GENNARI, 2002).

Com as dificuldades de um segundo deslocamento pelas ameaças à vida das lideranças zapatistas, os diversos atores sociais da sociedade civil mexicana foram convocados a construir outro mundo possível com justiça, igualdade e dignidade para todos na Sexta Declaração da Selva de Lacadón, em 2005 (ARELLANO e OLIVEIRA, 2002). Assim, foi não só legitimada a ação de coletivos simpatizantes e de comunidades não zapatistas aderentes ao zapatismo, mas também as diversas apropriações do zapatismo, que não permaneceu como exclusividade do EZLN. Mesmo com o declínio, o espírito de articulações perdurou com as constantes contribuições de coletivos e comunidades aderentes e com a convocação para a Escolita em 2013, uma iniciativa de aproximação desta vez levou dezenas de simpatizantes para viver a experiência do cotidiano num município autônomo e discutir os princípios e valores do movimento.

A articulação zapatista se baseia no respeito mútuos aos diferentes, nas constantes idas e vindas na construção não de consensos, mas de acordos, mesmo que limitados e restritos. A prática aproxima-se da ideia de política agonística desenvolvida por Chantal Mouffe (1989). Essa autora parte do princípio de que os conflitos são inevitáveis porque o político é uma construção hegemônica de um nós a partir da diferenciação de um eles. Essa oposição é fundamental para manter as identidades e os pertencimentos. O papel da política não é transformar os grupos diferentes em inimigos, mas tão somente em adversários que constroem, por meio de relações contingentes, práticas cooperativas e articulatórias. Nesta perspectiva, percebe-se a história do EZLN como a passagem do político, conflito inevitável com o Governo e o Exército Federal, para a política de articulações dialógicas de composições e acordos.

Segundo Mouffe (2004), a democracia é caracterizada por uma luta política sem fim na qual oponentes agonísticos defendem interpretações diferentes e incompatíveis dos valores centrais de liberdade e igualdade. O que está em jogo para ela é a necessidade de constituição de um conjunto de práticas que tornam possível a criação de cidadãos democráticos. Não é uma questão de justificação racional, mas da disponibilidade de formas democráticas de individualidade e subjetividade. É por isso que a experiência da democracia deveria consistir no reconhecimento da multiplicidade das lógicas sociais e da necessidade de sua *articulação*.

### 3. Autonomia zapatista

Esta política zapatista é realizada fundamentalmente em seus 38 municípios autônomos, que, na realidade, são articulações entre as comunidades autogeridas por autoridades locais que indicam seus representantes para os conselhos do Municípios Autônomos em Rebeldia Zapatista (Marez). Por sua vez, estes compõem os Caracóis, no total de cinco e tendo suas sedes situadas nas localidades Oventik, Roberto Barrios, La Realidad, Morelia e Garrucha. Criados em agosto de 2003, são administrados por uma Junta de Bom Governo (JBG), formada por representantes dos Conselhos dos municípios agrupados para um mandato de três anos.

Os Caracóis são responsáveis pela “(...) condução da administração da justiça, da saúde comunitária, da educação, da habitação, da terra, do trabalho, da informação e da cultura, da produção, do comércio e do trânsito local” (BRANCALEONE, 2009, p. 18) e pela defesa dos princípios da gestão zapatista - “mandar obedecendo” e “tudo para todos e nada para nós”. Nos Caracóis, estão situadas não somente as JBG, mas também clínicas, escolas secundárias, cooperativas de produção e projetos de comunicação (como produtoras de vídeo e rádio comunitária). Os territórios não são espaços contínuos numa comunidade autônoma, podendo haver algumas famílias não aderentes ou até ligadas ao Governo. Os sentidos sobre esses espaços alteram-se de forma tal que, num mesmo lugar, as instituições zapatistas podem ser vistas como autoridades ou como adversários. Esta multiterritorialidade, se por um lado significa a tolerância zapatista, baseada no princípio de Emiliano Zapata, “terra para quem trabalha”, por outro agrava, em algumas situações, os conflitos principalmente com a atuação de paramilitares acobertados pelo Exército Federal e por famílias não aderentes.

O processo de construção da autonomia zapatista, compreendida como o autogoverno comunitário, autodefinição identitária, autodelimitação territorial e o autoconsumo produtivo das comunidades articuladas, se afirma com a ruptura junto ao sistema de governo e eleitoral mexicano, consolidada não só pelo levante e pela consulta nacional, mas também pela descrença na cultura política vigente, que, para o EZLN, está baseada na cooptação e corrupção de lideranças comunitárias para manutenção do poder na mão das classes dominantes. Depois da criação dos municípios autônomos, o EZLN construiu os Caracóis não só como espaços de interlocução com a sociedade civil nacional e internacional como também de organização das comunidades autônomas que passam a ter sua gestão a partir de governos civis, eleitos e avaliados constantemente por assembleias locais. O processo de transferência da administração para os civis possibilitou que o EZLN se transformasse no primeiro movimento de guerrilha que constrói uma democracia participativa.

A autonomia está enraizada nas matrizes culturais, ao ponto de as comunidades zapatistas terem sua temporalidade própria. O fuso horário de seus territórios, chamado Frente de Combate Sul Oriental, não coincide com o oficial do México, sendo de duas horas a menos. O tempo também não se organiza a partir da produtividade industrial, mas de valores rurais, como ciclo de colheitas e os horários e dias de trabalho no campo. O próprio diálogo com a sociedade civil é realizado num ritmo diferenciado. Uma interpelação ou requisição junto a uma JBG, se recebida, pode demorar semanas ou meses para ser respondida.

O autogoverno e o autoconsumo das comunidades indígenas não são uma preocupação exclusiva dos zapatistas. Na segunda metade da década de 1990, conforme Brancaleone (2009), a autonomia comunal foi defendida pelo governo através do Instituto Nacional Indigenista (INI) como forma de preservar as crenças e tradições culturais destes povos. Barcena (2011) analisa este momento como uma febre legislativa, quando foram criadas leis de proteção aos povos originários, nunca colocadas em práticas. Para o autor, a situação intensificou as frustrações indígenas já decepcionados com a participação na luta pela independência mexicana, que formou um Estado nacional que reproduz o colonialismo internamente, conservando-os na condição de explorados e com o movimento indigenista que criou uma cultura nacional baseada na ideia estereotipada dos índios como os ancestrais da nação. Segundo Gustavo Estava, a autonomia já é uma realidade cotidiana em muitas comunidades indígenas chiapanecas. A luta é pelo reconhecimento social e jurídico desta autonomia: “(...) possuímos um território, no qual exercemos governo e justiça a nossa

maneira, o mesmo que a capacidade de autodefesa. Exigimos agora que se reconheça e respeite o que temos conquistado” (ESTAVA in ADAMOVSKY et al, 2011, p. 124).

Em Chiapas, as origens do sentido de autonomia estão enraizadas nas primeiras ocupações do território. Os povos originários de descendência maia, que se instalaram na região, de acordo com o historiador Emílio Zebadua, tiveram de organizar-se em pequenas comunidades dado o isolamento geográfico provocado pelo terreno montanhoso.

Chiapas sempre se encontrou desde o princípio na periferia das rotas de exploração e da conquista espanhola. Isto permitiu algumas comunidades gozar durante um tempo se não de uma completa independência, sim de um certo isolamento (...) condicionou-se pelas elevações montanhosas de mais de 1000 metros de altura com passos difíceis de cruzar (ZEBADUA, 1986, p.42).

Estas pequenas comunidades tiveram de construir, além de sua sustentabilidade, seu autogoverno. O isolamento geográfico não determinou todavia um isolamento social. Mesmo reconhecendo o que os antropólogos chamam de etnias maias (tzotzil, tzetales, tojobales, choles e zoques) apenas como suas línguas, os indígenas da região se articulam desde antes da colonização através do comércio e especialização em suas produções.<sup>2</sup>

#### **4. Articulações e autonomia na Rádio Rebelde**

Assim como o comércio, a comunicação radiofônica pode construir e articular as autonomias indígenas. O imediatismo da transmissão do rádio possibilita vencer, na velocidade do som, distâncias de difícil transposição. Por meio desta comunicação, comunidades e municípios podem partilhar informações, ideias, opiniões, memórias e sentimentos, trocas simbólicas imprescindíveis para construção de discursos articuladores. Além da rapidez, alia-se ao uso do rádio o baixo custo de montar uma emissora e do aparelho, podendo ser utilizado inclusive em lugares onde não chega a luz elétrica. A simultaneidade do veículo, baseada na possibilidade de fazer outras tarefas enquanto o escuta, é outra característica que potencializa esta comunicação (ORTRAWIANO, 1985).

A situação do predominante analfabetismo das populações indígenas e o precário uso do espanhol reforçam o papel do rádio, como define Martín-Barbero (2004), de mediador

<sup>2</sup> Conforme o antropólogo Georg Collier (1976), há uma tradição ocupacional reforçada pelas dificuldades de importação, dada a distância da capital mexicana, dos grandes centros produtores e pelas dificuldades de transporte. Em seu estudo, ele destaca a predominância de produções étnicas de cada comunidade, comercializadas entre si.



entre o mundo técnico-científico e o simbólico-mítico das culturas populares. O meio traduz, a partir das palavras faladas, conhecimentos, muitas vezes, disponíveis somente em textos escritos. Isto é possível não só com a oralidade mediatizada (OLIVEIRA, 1999) de transformar escrita em fala, mas com as explicações do conhecimento técnico-científico e informacional, reorganizado numa lógica acessível às culturas populares predominantes orais. A produção radiofônica, baseada no improviso e na coloquialidade da fala, é quase tão simples e espontânea como uma conversa face a face rotineira, não exigindo tanta especialização dos produtores e possibilitando, através da informalidade, criar uma relação intimista entre locutor e ouvinte que, ao mesmo tempo, pode atingir milhões (MCLEISH, 2001).

O EZLN, por isso, decidiu desde fevereiro de 2005, criar três Rádios Insurgentes, uma em Los Altos, nas proximidades de San Cristobal de Las Casas, outra na Selva Tzeltal e a mais uma na Selva da Fronteira, fronteira com a Guatemala. Apresentadas como “a voz dos sem voz”, as emissoras visavam apresentar “os avanços do processo de construção da autonomia nas zonas zapatistas e promover a difusão da palavra e a música das comunidades indígenas”<sup>3</sup>. Há também uma transmissão semanal em Ondas Curtas (OC) que “tem como objetivo de informar (...) os eventos atuais em Chiapas, os avanços na construção da autonomia zapatista que se realiza através das Juntas de Bom Governo e dos MAREZ”<sup>4</sup>.

Como parte do projeto de autonomia zapatista, desde 2008, tiveram início as transferências das rádios para os governos civis, processo que se encerrou somente em 2012, quando as emissoras mudam de nome e consolidam suas novas programações. A gestão das rádios pelos Caracóis contribui para organização dos mesmos, que gerenciam os espaços a partir das demandas locais e tomam as decisões priorizando as comunidades autônomas articuladas e não a estrutura político-militar do EZLN.

A emissora pesquisada, antes Rádio Insurgente de Los Altos, denomina-se hoje Rádio Rebelde 107,1 FM, podendo ser escutada na região que tem San Cristobal de Las Casas como principal cidade. Com o slogan “A voz da mãe terra”, funciona de 5 às 9h e das 17 às 20h, hora da frente de combate sul oriental.

Para a avaliação dos endereçamentos construídos pelos textos do programas foram consideradas as articulações da mensagem com os receptores a partir dos seguintes elementos: Mediadores (locutores, repórteres, comentaristas que participam dos programas); Temática

<sup>3</sup> Disponível em <<http://www.radioinsurgente.org>> acessado em 10 de janeiro de 2014, *tradução livre*.

<sup>4</sup> Idem.



(assuntos abordados, estilos e letras das músicas tocadas); Papel social: a expectativa criada à audiência que a emissora se propõe atender (informação, entretenimento, memória...); Recursos técnicos: plástica radiofônica (efeitos sonoros, trilhas, intervalos e blocos e vinhetas); Linguagem radiofônica: a criação de imagens acústicas, conversas mentais e a oralidade mediatizada; Texto verbal: a forma de interpelar diretamente a audiência e construir credibilidade.

A partir da escuta de sua programação, em julho de 2013, e da transcrição detalhada (inclusive silêncio, vinhetas, trilhas sonoras, músicas, quadros, programas, características dos locutores e da locução) de oito programas gravados em dias alternados, pode-se tecer algumas observações sobre a emissora e o formato/conteúdo de suas emissões.

De modo geral, é possível dizer que a estrutura da programação reflete a temporalidade autônoma da Rádio Rebelde. Diferentemente da transmissão comercial em tempo contínuo (frequentemente das 5 às 00h ou 24h no ar), a emissora zapatista permanece em dois horários fraturados no início e no final do dia, quando os trabalhadores estão começando e terminando sua jornada. A plástica radiofônica, compreendida como a organização dos conteúdos na programação, difere bastante das comerciais. Logo após a veiculação das músicas, locução, contos, mensagens ou vinhetas, há silêncios que duram até 30 segundos. Essas pausas sonoras, conhecidas nas emissoras comerciais como “buracos”, não só descaracterizam os estilos destas, como também prejudicam o ritmo frenético das mesmas. Na Rádio Rebelde, parece uma ruptura com a apressada lógica de mercado.

A emissora zapatista não possui programas, como se identificam na plástica comercial, apesar de ter uma estrutura de predominâncias de conteúdos: pela manhã, músicas revolucionárias chiapanecas, seguida por músicas históricas e músicas revolucionárias nacionais e internacionais, intercaladas por locução, poesias, mensagens e comunicados. Pela tarde, o horário é dividido entre a primeira hora, com músicas de marimba, e as demais com músicas revolucionárias chiapanecas e músicas revolucionárias nacionais e internacionais, intercaladas por mensagens, contos e poesias.

Há apenas uma vinheta<sup>5</sup> com diferentes versões de música introdutória e fundo (rock, balada romântica, dance, cumbia, hap, entre outros estilos), veiculada geralmente de hora em hora e que traz a seguinte identificação da emissora: “Esta é a Rádio Rebelde, voz da mãe terra, transmitindo em algum lugar dos povos zapatista, Caracol Dois, Resistência e Rebeldia

<sup>5</sup> Sinal sonoro que identifica parte do conteúdo da programação radiofônica.

pela humanidade. Na frequência 107.1 FM de seu rádio”.

O principal elemento tradicional presente na programação da Rádio Rebelde é a locução em línguas originárias, o tzotil e o tzetal. Normalmente, os locutores interpelam inicialmente em espanhol e posteriormente traduzem para os idiomas indígenas. A locução faz a ponte entre os diversos conteúdos da programação, tendo, a cada transmissão, diferentes apresentadores: nas gravações observadas, predomina a apresentação que é feita por mulheres. A escolha demonstra uma das principais preocupações internas do movimento: combater o patriarcalismo, forte componente das tradições indígenas, e valorizar a dignidade das mulheres. Uma das leis revolucionárias do EZLN prevê a autonomia feminina estabelecendo que nenhuma mulher poderá ser obrigada a ter filhos ou casar-se.

Os locutores e as locutoras fazem uma apresentação cordial, informal, improvisada e, muitas vezes, com erros e pausas cobertas pelo aumento do fundo musical. É comum desejar um bom dia de trabalho, uma boa tarde e interjeições como “Oxalá que você esteja gostando de nossa programação”. A apresentação é feita em espanhol e depois traduzida para tzotzil, idioma indígena predominante na região de Los Altos. Estas características reforçam o endereçamento articulatório, pois a emissora é escutada por ouvintes mestiços, e o autônomo, dado que a língua indígena compõe imprescindivelmente a fala dos indígenas, incluindo ouvintes que não falam espanhol, principalmente mulheres que dificilmente passam pela educação escolar. A locução dos homens, além de também bilíngue, reflete a preocupação com as relações de gênero. Quando vão interpelar os ouvintes há sempre a referência a todos e todas. Observa-se também que eles saúdam mais especificamente as comunidades e possuem um discurso menos cordial e mais politizador, como se pode perceber na transcrição abaixo:

Uma saudação para as mulheres que não são zapatistas. Não são zapatistas porque não conhecem o zapatismo. Não importa se você é PRISTA<sup>6</sup> ou PANISTA<sup>7</sup> são as muitas formas de exploração do Governo. O governo nos xinga de muitas formas pedindo dinheiros a outros países para presentear umas coisinhas aqui em Chiapas. O Governo com pouco de dinheiro quer apagar os zapatistas, mas não vai poder porque sabemos de nossa luta aqui em Chiapas e em diferentes países. Vamos escutar duas canções uma sobre o direito das mulheres, Cumbia das Zapatistas e depois vamos escutar a canção Geração de Dignidade e a outra Minhas Irmãs. Em alguns minutos regresso. Agora são 21 horas com 14 minutos hora da frente de combate sul oriental.<sup>8</sup>

A predominância musical da Rádio Rebelde aproxima-se das rádios comerciais FM,

<sup>6</sup> Filiado ou eleitor do Partido Revolucionário Institucional (PRI).

<sup>7</sup> Filiado ou eleitor do Partido de La Acción Nacional (PAN).

<sup>8</sup> Transmissão da Rádio Rebelde 107,1 Mhz no dia 19 de julho de 2013. Tradução livre do pesquisador.

entretanto as músicas tocadas são, em sua maioria, revolucionárias, divididas em três tipos, veiculadas em diferentes blocos de uma hora. As canções históricas reconstituem períodos passados das várias revoluções da história mexicana, sempre na perspectiva favorável aos indígenas, camponeses e agricultores e seus mártires. Geralmente a linha editorial musical exclui os sucessos das indústrias culturais, priorizando produções revolucionárias internacionais e nacionais e estilos locais e regionais. Já as chiapanecas retratam a luta e os ideais zapatistas nas comunidades autônomas e no EZLN. E as nacionais e internacionais reúnem canções críticas ao capitalismo ou de apoio ao movimento zapatista de artistas mexicanos não chiapanecos, espanhóis, cubanos, argentinos, entre outros. Todas essas temáticas possuem um discurso que aponta um endereçamento para fortalecer o imaginário da autonomia das comunidades zapatistas.

Há ainda, na primeira hora das tardes, músicas de marimba que são composições instrumentais tradicionais geralmente no estilo de cumbia, tocadas com o instrumento homônimo, típicas do pôr do sol do Zócalo (Praça Principal) de San Cristobal de Las Casas, onde se apresentam vários grupos principalmente no restaurante localizado no coreto do local. O intuito das músicas é claramente de entreter e preservar as raízes, como explicita a locução do horário. Esta parte da programação demonstra claramente que a Rádio Rebelde também possui, além do endereçamento revolucionário, endereçamentos lúdicos e históricos.

Nas poesias, que são apresentadas frequentemente pela manhã, interpretadas por seus autores, a autonomia das comunidades indígenas, dos jovens e das mulheres em relação ao governo, ao sistema eleitoral e ao capitalismo predomina nas seguintes temáticas: convocatórias, denunciatórias e político-críticas. Já os contos não tratam necessariamente de temáticas revolucionárias. Podem abordar temas como sexualidade, relações geracionais e de gênero e questões morais, como justiça e igualdade. No período de registro de sua programação, foram encontrados cinco contos: "Como o noivo namora a noiva", "O rei do mal", "Histórias de Madalena da Paz", "O coiole" e outro cujo nome não foi identificado devido a falhas na captação do sinal. Conforme mencionado anteriormente, enquanto os dois primeiros foram narrados somente em espanhol, os últimos foram somente em tzotil. "Como o noivo namora a noiva" possui uma série de aconselhamentos de como um jovem deve aproximar-se de sua pretendente, exemplificando como saudá-la, como elogia-la e as possíveis reações dela. Já "O rei do mal" tem o tom de amedrontamento e denúncia:

(...) Sou o que acaba com tua cultura. Como gosto quando vejo que sofre! Ra ra ra! Que alegria me dá! Gosto quando não tem o que comer. Quando



trabalha só para ti mesmo. Como gosto de quando briga com seus irmãos. Gosto quando queres organizar-se e atrapalho. Sabe quem sou eu? Que alegria! Como desfruto! Como gosto quando tu jovem, jovenzinha fuma drogas. Como gosto quando tua família está em briga. Que feliz! Sou tão feliz! Gosto quando tu jovem está seguindo a moda. Segue, segue-lo! (...) Gosta quando assiste televisão e aprende tudo./ (...) Sabe quem sou?/ Sou o sistema capitalista./

Ambos não são interpretados pelos locutores da emissora e são reproduções de gravações, como releva a própria apresentação. Seus narradores fazem constantemente onomatopéias de sons de animais, passos, toque na porta etc. No primeiro conto relatado, há efeitos especiais dos sons dos ambientes da história ao fundo da narração, como a correnteza de rio e os insetos na floresta. Esse padrão estético mostra um claro endereçamento para o tradicional campesino dos povos indígenas, estruturando-se na lógica da oralidade, isto é, da fala e conversa cotidiana e interpessoal, traços da matriz simbólico-dramática. Além da oralidade, a dramaticidade é outro elemento desta matriz que compõe os contos que se estruturam a partir de conflitos, seja na dificuldade de um jovem de cotejar sua pretendente seja na degradação social promovida pelo capitalismo. A construção textual destas produções baseada na dicotomia entre exploradores-explorados e rapaz-moça revela a lógica da oposição, outra característica da matriz simbólico-dramática.

Diferente das poesias, são interpretados por locutores, traduzidos em tzotzil e tzetal (alguns não são sequer apresentados em espanhol), possuem fundos musicais e efeitos sonoros. A relevância deste gênero revela sua importância numa cultura oral enraizada no conhecimento mítico que representa a realidade através de um imaginário fictício. Os contos valorizam, desta maneira, o modo de vida indígena, apontando para um endereçamento fundamental para a autonomia zapatista.

As mensagens e comunicados têm um caráter informativo. As primeiras são curtas, durando de 15 a 45 segundos. Aparentam ser depoimentos gravados e editados com fundos musicais de pessoas comuns. Tratam sobre saúde, sobre o trabalho coletivo e sobre a dignidade das mulheres. Os comunicados são direcionados a públicos específicos como a juventude e às comunidades zapatistas. Além de uma contextualização histórica, este gênero faz questionamentos. “(...). Até quando se darão conta que desde mais de 500 anos, somos vítimas e de dominação e exploração, vítimas de humilhação e discriminação, vítimas de marginalização e esquecimento dos que tem poder e dinheiro, por que muitos de vocês estão

pondo seus corações, sua confiança e sua esperança em nossos opressores e explorados?”<sup>9</sup> E também realiza exortações para mudança de comportamento, de consciência e de atitudes.

Por isso, convidamos aos companheiros e companheiras, bases de apoio responsáveis por regionais das comunidades donde não há começado os trabalhos com as crianças, se organizem e nomeiem seus representantes para que comecem seus trabalhos com as crianças e jovens”<sup>10</sup>.

A programação da Rádio Rebelde tem assim um claro endereçamento para fortalecer a autonomia como uma ruptura com o governo, o sistema eleitoral e o capitalismo, não deixando de articular-se com outros grupos seja nos idiomas falados, seja nos comunicados para as comunidades não zapatistas, seja nas músicas lúdicas, nacionais e internacionais. A autonomia zapatista distancia-se da ideia de isolamento. Autonomia significa, desta maneira, independência que possibilite equidade para as articulações (ESTAVA, 2011), como explicitado na mensagem, transmitida na manhã do dia 23 de julho:

Autonomia é a base fundamental da forma de vida dos povos originários, ou seja, o mais importante para a vida e a existência dos povos. A autonomia é a faculdade, a capacidade e a possibilidade, quer dizer, a força, o pudor, a inteligência dos povos originários para tomar decisões sobre os diferentes níveis de sua forma de vida comunitária, política, econômica, social, cultural, religiosas e territoriais. Isto quer dizer que os territórios onde vivem os povos indígenas devem se organizar e governar sós sem a intervenção dos maus governos e dos partidos políticos sem imposições e manipulações de pessoas alheias que só buscam seus próprios interesses. Vão pensar e decidir como só vão trabalhar e vão semear suas terras sem está dizendo e controlando o governo e também decidir que preço vão vender seus produtos. Como povos devem entender e administrar suas próprias escolas, clínicas, hospitais, seus próprios médicos e meios de comunicação. Os povos originários têm sua própria cultura, sua forma de pensar, de entender, de atuar, de falar, de viver e de conviver em suas vidas familiares e coletivas. Sem autonomia nenhum povo pode existir. Sem suas terras seria um povo totalmente oprimido, escravos e a qualquer momento podiam ser exterminados. Autonomia é um direito de todos os povos originários de qualquer parte do mundo de autogovernar-se, a ter sua própria identidade como povos, decidir sobre seus territórios, sobre seus recursos naturais e sobre suas vidas concretas... Como povos devem ter sua autodeterminação, ou seja os povos originários decidir livremente sobre suas vidas, suas condições econômicas, políticas...<sup>11</sup>

A autonomia surge assim de um imaginário radical, compreendido como o “fluxo de representações, desejos e afetos amplamente imotivados” (NEGRONI, 2011, p. 203) que se

<sup>9</sup> Transmissão da Rádio Rebelde 107,1 Mhz às 10h10min, hora da frente de combate sul, oriental, no dia 16 de julho de 2013, *tradução livre*.

<sup>10</sup> Transmissão da Rádio Rebelde 107,1 Mhz às 9h02min, hora da frente de combate sul oriental, no dia 16 de julho de 2013, *tradução livre*.

<sup>11</sup> Rádio Rebelde, 23 de julho de 2013, gravado em San Cristobal de Las Casas, Chiapas, México. Tradução livre do pesquisador.

transforma em imaginário instituinte, isto é, forma de energias criadoras de sentidos definidores dos coletivos, das instituições e dos significados que se partilham e cristalizam. É um processo de autoinstituição onde se questionam as leis e instituições sociais.

Na Rádio Rebelde, articulação e autonomia apresentam-se nos vários conteúdos da emissora. A luta contra o capitalismo, a temporalidade e a plástica diferenciada, as músicas revolucionárias, o repúdio aos maus governantes, a valorização do idioma e das tradições indígenas, o incentivo a organização comunitária, a dignidade das mulheres e da participação dos jovens revelam o discurso hegemônico zapatista que possui a autonomia como elemento. Os endereçamentos construídos em comunicados, mensagens e locução às comunidades não zapatistas demonstram o sentido de diálogo como forma de construção da pluralidade baseada em articulações e acordos temporários e precários entre as diversas hegemonias e discursos zapatistas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das reflexões acima tecidas, compreendemos que é necessário pensar o zapatismo não como um “(...) projeto acabado e mais como um composto de várias arenas onde se negociam alinhamentos, se vão construindo discursos dominantes e se sancionam comportamentos” (DER HARR, 2005, p. 19). É preciso que o fortalecimento dos laços de pertencimento que agrupam as comunidades zapatistas seja realizado concomitantemente às alianças articuladas e estáveis com outros grupos. A nosso ver, o projeto de autonomia, tão ansiado e expresso nos conteúdos produzidos e difundidos pela Rádio Rebelde, só pode se concretizar via entrelaçamento de duas dinâmicas: a primeira delas é a apropriação dos significados, textos, discursos, canções, poemas, mensagens e comunicados de modo a reconfigurá-los, tomando-os como elementos de um imaginário e de uma ideologia que orienta modos de ser e estar no mundo, além de projetar mundos possíveis. Já a segunda dinâmica é a articulação entre grupos, práticas políticas e formações ideológicas que possam criar, como resultado, rupturas ou mudanças históricas.

A noção de articulação nos permite pensar como práticas específicas (articuladas em torno de contradições que não surgem da mesma forma, no momento e no mesmo ponto) podem todavia ser avaliadas conjuntamente. Nas experiências e “textos” zapatistas é possível vislumbrar a busca por uma unidade que seja construída através das diferenças, uma

articulação que deve ser construída pela prática, justamente porque não é garantida pela forma como diferentes forças se constituem a priori. Ao desenvolver práticas que articulem diferenças em uma vontade coletiva ou ao gerar discursos que condensem uma gama de conotações, as condições dispersas da prática dos diferentes grupos sociais podem ser efetivamente aproximadas, de modo a estabelecer novos projetos coletivos (HALL, 2013).

Assim, a autonomia emerge nas práticas e conteúdos veiculados e/ou produzidos pelas rádios como algo que surge entrelaçado e tensionado pelas análises dos contextos de vivência e construção de imaginários. Ela é fruto de processos de articulação que requerem condições particulares para a sua emergência, que não são eternos, mas que se renovam constantemente, levando à dissolução de antigos vínculos e a novas conexões – rearticulações (HALL, 2013).

Nesse sentido, Laclau e Mouffe (2001) argumentam que é possível construir uma articulação entre diferentes lutas que exercem seus efeitos em certas esferas do social quando percebemos a autonomização dessas esferas de luta e a multiplicação de espaços políticos, algo que é incompatível com a concentração do poder e do conhecimento. As articulações, portanto, partem do princípio da autonomia de esferas múltiplas que, atravessadas por relações de poder e por linhas discursivas diversas, podem unificar ou aproximar certos espaços políticos que não mais se subordinam a poderes transcendentais ou unificadores. Esses autores destacam que a experiência da democracia deveria consistir no reconhecimento da multiplicidade das lógicas sociais e da necessidade de sua articulação. Ambos chamam a atenção para o fato de que essas articulações serão sempre parciais e sujeitas à contestação.

## REFERÊNCIAS

ADAMOVSKY, E. et al. **Pensar las autonomias**. México: Sísifo Ediciones, 2011.

ARELLANO, A. B. y e OLIVEIRA, A. U. **Chiapas: construindo a esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARELLANO, A. **As raízes do fenômeno Chiapas**. São Paulo: Alfarrabio Ed, 2002.

BRANCALEONE, C. **Os zapatistas e a experiência de autogoverno indígena e campesina no México contemporâneo**. Buenos Aires, Congresso da Associação Latinoamericana de Sociologia, 2009.

COLLIER, G. **Planos de interacción del mundo tzotzil**. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1976.

DER HAAR, G. **El movimiento zapatista de Chiapas: dimensiones de su lucha**. Amsterdã. LabourAgain. IISH, 2005.

DOWNING, J. **Mídia Radical**. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

ELLSWORTH, E. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

ESTAVA, G. Otra autonomía, otra democracia. In CECEÑA, Ana et al. **Pensar las autonomías**. Cidade do México. Sísifo ediciones, 2011.

FELICE, M. e MUÑOZ, C. **A revolução invencível**. São Paulo: Boitempo editorial, 1998.

GENNARI, E. **Chiapas: as comunidades Zapatistas reescrevem a história**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

GRISA, J. **Histórias do rádio**. Itajaí: Ed. Univali, 2003.

HALL, S. Significação, representação, ideologia. In: SOVIK, Liv (org) **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. Pp. 160-198

JACKS, N.; SOUZA, M. **Mídia e recepção**. Salvador: Edufba, 2006.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics**. London; New York, NY: Verso, 2001.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Loyola, 2004.

McLEISH, R. **Produção de rádio**. São Paulo: Summus, 2001.

MORLEY, D.; BRUNSDON, C. **The Nationwide Television Studies**, London: Routledge, 1999

MOUFFE, C. **O Regresso do Político**. Lisboa, Gradiva, 2004.

MOUFFE, C. Radical Democracy: Modern or Postmodern? **Social Text**, n. 21, 1989, p. 31-45.

NEGRONI, P. **Castoriadis y el proyecto del autonomía**. In: Revista Catedra Paralela no. 8. Rosário. Universidad Nacional de Rosario, 2011.

ORTRIWANO, G. **A informação no rádio**. São Paulo. Summus, 1985.

ROCHA, S. M.; MARQUES, A. A interseção do processo comunicativo: um diálogo entre produção e recepção. In: Nilda Jacks; Maria Carmem Jacob de Souza. (Org.). **Mídia e Recepção: televisão, cinema e publicidade**. Salvador, BA: EdUFBA, 2006, v.1, p. 32-55.

SILVA, J. L. O. A. **Rádio oralidade mediatizada**. São Paulo: Annablume, 1999.

WILLIAMS, R. **Marxismo y literatura**. Barcelona: Península, 1999.

ZEBADUA, E. **Breve histórico de Chiapas**. Tuxtla Gutierrez: Gov. Chiapas, 1986.

*Original recebido em: 04/05/2015*

*Aceito para publicação em: 27/11/2015*

*Ismar Capistrano Costa Filho*

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Comunicação Comunitária, Rádio, Internet e Culturas Populares, com interesse em produção de rádio, estudos de recepção, teoria da comunicação, comunicação comunitária e Internet.

*Ângela Cristina Salgueiro Marques*

Doutora em Comunicação Social pela UFMG, pós-doutora em Ciências da Comunicação pela Université Stendhal, Grenoble 3. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons